



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/o-conto-bliss-de-katherine-mansfield-e-tres-de-suas-traducoes-para-o-portugues-brasileiro/>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2020 by UNICAMP/IEL/Setor de Publicações : TL 224. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Prefácio

Como prefaciara um trabalho que analisa precisamente o que se escolhe e o que se deixa de lado na tarefa da tradutora? Penso que se pode começar por sublinhar a marca do feminino que atravessou o trabalho de Beatriz e o prazer de ter acompanhado esse caminho de uma análise de três traduções para o português do conto em inglês *Bliss*, de Katherine Mansfield (1918),¹ fundamentada teoricamente na vertente da tradução feminista canadense, cujo desenvolvimento ocorreu entre as décadas de 1980 e 1990.

Aclamada como uma das melhores escritoras da língua inglesa, Katherine Mansfield foi traduzida por Ana Cristina César em seu mestrado na Inglaterra e homenageada em soneto de Vinícius de Moraes,² além de muitos outros leitores brasileiros terem se declarado fascinados pela qualidade literária da neozelandesa. Esse grande interesse fez com que Mansfield se tornasse uma das autoras mais traduzidas no Brasil. Entre as várias traduções do conto, Beatriz selecionou, para análise, a primeira tradução, de Érico Veríssimo (*Felicidade*, de 1941), responsável por introduzir a obra de Mansfield em português brasileiro, e duas outras, que vieram a público nas décadas em que o movimento feminista de tradução estava em plena efervescência: *Êxtase*, de Ana Cristina César (1981) e *Felicidade*, de Julieta Cupertino (1992), destacando as diferentes condições em que ocorreram os processos tradutórios e as publicações, atrelando-os às características das tradutoras e do tradutor.

¹ As obras não referenciadas em notas são as mesmas citadas na bibliografia da monografia de Beatriz Gregório dos Santos.

² Soneto a Katherine Mansfield, escrito em 1938.

Ainda que se trate de um trabalho de conclusão de curso da graduação, é notável o olhar crítico de Beatriz, refletido nas análises criteriosas apresentadas em 18 excertos. Ao examinar a tradução por um viés feminista, é possível observar que as escolhas (por vezes inconscientes) despertam diferentes leituras e, conseqüentemente, novas teias de sentido.

Bliss foi escrito na época em que as *suffragettes* foram às ruas pela igualdade de direitos, em especial o direito ao voto. No desenrolar de uma narrativa que põe em cena um dia perfeito na rotina da personagem Bertha – com seus afazeres de esposa, dona de casa e mãe –, ao qual se segue uma festa em que ela se dá conta de que seu casamento não é tão perfeito assim, Mansfield retrata o destino imposto à mulher e, ao mesmo tempo, deixa implícitos impasses sexuais da personagem e traz à tona perturbação e insatisfação.

Os sentimentos e sensações de Bertha dão título ao conto: *Bliss*, que pode ser traduzido por “êxtase” e “felicidade”, como foram as escolhas nas traduções estudadas, mas também evoca uma gama enorme de significados, como: alegria, arrebatamento, bênção, carinho, conforto, deleite, euforia, júbilo, paraíso, prazer, satisfação, triunfo.³ A leitura do conto leva a crer que tudo isso está presente, de alguma maneira, e que a escolha do título já reflete o intraduzível, que, no entanto, foi traduzido muitas vezes, ecoando a afirmação de Derrida de que “o intraduzível é o que mais pede a tradução”.⁴

Assim como a tradução de *Bliss*, a questão do feminismo na tradução não é nova e foi tema de vários estudos. Embora a origem seja muitas vezes atribuída ao movimento canadense de tradução feminista, representado por Luise Von Flotow, Sherry Simon, Susanne de Lotbinière-Harwood, autoras que Beatriz revisita e de quem consegue se apropriar nas análises desenvolvidas, Costa e Ergun⁵ mostram

³ Bliss, Thesaurus, Merriam-Webster.

⁴ Derrida, J. Sur parole. Instantanés philosophiques, 1999.

⁵ Castro, O. & Ergun, E. Translation and Feminism. In: Fernandez, F; Evans, J. The Routledge Handbook of Translation and Politics Routledge. 2018.

que as intervenções feministas em tradução existiam anteriormente e podem ser vistas em paratextos (notas, prefácios, correspondências) de tradutoras ocidentais desde o século XVII, muitas vezes anônimas ou até publicadas sob pseudônimos masculinos. As autoras apresentam um panorama do crescimento interdisciplinar na área e as perspectivas de uma virada interseccional e transnacional do feminismo, ressaltando que ainda há muito trabalho a ser feito. Nesse sentido, a pesquisa de Beatriz é importante porque também mostra a necessidade de continuarmos a discutir o papel da tradução para os movimentos feministas, especialmente no momento atual, quando se reconhece uma evolução para tipos de feminismos mais complexos, que englobam questões políticas, antirracistas e anticapitalistas, e que acabam por se distanciar daqueles movimentos da época de Mansfield ou até do início da escola canadense, cujo ponto de vista predominante era o da mulher branca de classes privilegiadas. De forma ampla, o que se tem hoje é um movimento pelos direitos das mulheres abrangendo uma grande diversidade de lutas: desde questões básicas, como direito à saúde, alimentação, moradia, até representatividade nos mais diversos setores sociopolíticos, com base em perspectivas e finalidades diferentes, sobretudo quando consideramos a multiplicidade de mulheres existentes (negras, indígenas, brancas, ocidentais, orientais, *LGBTQI+*, entre outras). Nesse cenário, a tradução tem sido um espaço de intervenção e de resistência, no qual essas várias perspectivas feministas estão em ação, com um número cada vez maior de publicações, principalmente nos últimos anos.

Ao tratar das três traduções sem buscar emitir juízos de valores, Beatriz mostra que cada tradução é única e é determinada por uma série de aspectos, incluindo a visão de cada tradutor(a) sobre a obra traduzida, a autora e o próprio

processo de tradução. Ao apontar que as escolhas e os efeitos de sentido são inerentes a qualquer tradução, que algumas delas acabam por refletir as condições em que foram feitas – em relação ao momento sócio-histórico e em relação às características de quem traduziu e para quem traduziu –, a autora torna evidente o caráter inescapável da ideologia (feminista ou não) na tarefa das tradutoras e do tradutor.

*Érica Lima**

* Desde 2015, é docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp), pesquisando e orientando na área de interpretação de textos e tradução.